

ÁREAS DIALETAIS BRASILEIRAS A PARTIR DA “AMARELINHA”

BRAZILIAN DIALECTARY AREAS FROM "AMARELINHA"

SANTOS, Leandro Almeida dos

RESUMO: Neste artigo, são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, para a questão 167 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, “Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? (COMITE NACIONAL, 2001, p.35). A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos; b) formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhante, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Santos (2016) e D’Anuniação (2016). As análises buscam identificar os itens encontrados, com o intuito de verificar as escolhas realizadas pelos informantes, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho, catalogar a diversidade lexical da língua falada no país.

Palavras-chave: Áreas dialetais. Falar Fluminense. Léxico.

ABSTRACT: This article presents some aspects on delimitation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of informants Linguistic Atlas of Brazil - Alib to the question 167 of the Semantic-Lexical Questionnaire Alib, "What do you call the play where children scratch a figure on the ground, consisting of numbered squares, throw a pebble (mimicry) and go jumping with one leg? (COMITE 2001, p.35). The methodology used was marked: a) reading of theoretical texts; b) formation of the corpus; and c) corpus analysis in order to identify the diatópicas variations, from the comparison with similar studies, namely: Ribeiro (2012), Portillo (2013), Santos (2016) and D’Anuniação (2016). The analysis sought to identify the items found, in order to verify the choices made by the informants, in order to determine the vitality of dialectal division Springs (1953). It is worth mentioning the contribution of work, cataloging the lexical diversity of the language spoken in the country.

Keywords: Dialectal Areas. Ways Fluminense. Lexicon.

1 INTRODUÇÃO

O estudo que ora é apresentado integra o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que forneceu meios para fundamentar o caminho teórico-metodológico desta pesquisa. A pesquisa se propõe a analisar e verificar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) para a área do *Falar Fluminense*. Optou-se por vários caminhos, além do diatópico que é o prioritário. Assim, a sócio-história das localidades constitui-se como um dos caminhos possíveis para compreender a língua falada em uma região brasileira bastante heterogênea, no que tange aos processos de povoamento e muito

movimentada, quando observadas às linhas de migrações internas e externas, além disso, quando observada a importância de tal área para as várias fases econômicas e políticas do Brasil.

Sabe-se que os estudos sobre áreas linguísticas brasileiras, por meio dos dados dispostos no banco de dados do Projeto ALiB, têm sido bem frequentes. Destacam-se, neste sentido, alguns estudos, por exemplo: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015), Santos (2016) e D’Anunciação (2016), que serão mais detalhados no item Fundamentação Teórica.

Este trabalho evidencia os resultados de pesquisa sobre uma pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL), a saber: 167 “Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ NACIONAL...2001, p.35), a fim de registrar os aspectos lexicais sob a ótica dialetal, baseado em dados coletados *in loco*. Inserido no âmbito das pesquisas desenvolvidas a partir dos dados do ALiB, considerando a riqueza infindável do léxico e as influências intra e extra linguísticas que, de certo modo, moldam essa constituição do arsenal linguístico da língua portuguesa.

Objetiva-se oferecer aos dialetólogos brasileiros algumas notícias sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares brasileiros, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação do *Falar Fluminense*. Inicialmente, as leituras foram feitas com um intuito de obter um panorama sobre pesquisas semelhantes, em seguida, foi realizada uma comparação entre as variantes encontradas nos respectivos estudos, logo após, análises foram empreendidas sobre o *corpus*, a fim de demonstrar como os itens lexicais estão distribuídos nas regiões brasileiras e se são reveladoras de diferenças dialetais. Destaca-se, também, a observação da sócio-história das localidades, uma vez que a língua falada vai refletir os aspectos culturais e sociais pelos quais passa a comunidade.

A realização do estudo justifica-se pela necessidade de aprofundamento nos estudos sobre áreas dialetais brasileiras, sobretudo no tocante à área investigada, por meio do reconhecimento e caracterização, e por fornecer aos pesquisadores de várias áreas do saber informações linguísticas e sociais, além de oferecer materiais para o aprimoramento dos livros didáticos e para o tratamento da variação e mudança linguística no ambiente escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O recorte essencial da delimitação temática da proposta deste trabalho é analisar os itens lexicais encontrados para a questão 164, Questionário Semântico-Lexical do ALiB, na perspectiva diatópica, sob a ótica Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana, tendo como foco a área do *Falar Fluminense*.

É necessário enfatizar que muitos estudiosos perseguiram um traçado que dessa conta das diferentes formas de falar do Brasil. Assim sendo, destaca-se a proposta de divisão dialetal elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, reelaborada em 1953, na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, conforme figura 1:



Figura 1 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordeste, compondo

os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território que nomeou de incharacterístico. A divisão de Nascentes (1953) tornou-se referência basilar para inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos interesses, mas, sobretudo, *pela delimitação de áreas dialetais*. (MOTA, 2006, p.321).

Acredita-se que há necessidade de uma nova proposição, porém com base em dados empíricos, é o que vem sendo alvo de pesquisa da Dialectologia no Brasil, pois:

[...] passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil. (RIBEIRO, 2012, p. 79)

Haja vista que, cada vez mais, os estudos dialetológicos do Brasil necessitam de “[...] uma proposta de divisão dialetal do Brasil, contestando ou referendando *in totum* a de Nascentes (1953), seja pela ausência ou insuficiência de dados sobre algumas áreas, seja pela heterogeneidade das amostras disponíveis” (MOTA, 2006, p. 350).

Citem-se, com isso, trabalhos que aludem às áreas dialetais brasileiras. É salutar trazer as considerações feitas por Zágari (2005), pois, contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG – Zágari estabelece três falares em Minas Gerais – baiano; paulista e mineiro, conforme figura 2.



Figura 2 – Divisão dialetal de Minas Gerais **Fonte:** ZÁGARI (2005, p. 64)

Nesse âmbito, destaca-se outro trabalho – *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos* – de Renato Pereira Aurélio, dissertação defendida em 2012, na Universidade Federal do Espírito Santo. No estudo, o Aurélio (2012) analisa oito pares de cartas lexicais dos dois atlas, Atlas Prévios dos Falares Baianos – APFB – e Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES – tentando estabelecer os caminhos linguísticos fronterísticos entre os estados da Bahia e do Espírito Santo. O autor supracitado conseguiu desmitificar que os capixabas carecem de uma identidade linguística, afirmando que a diversidade cultural é propiciadora da riqueza linguística do Espírito Santo. Sobre as divisões feitas por Nascentes (1953) e Zágari (2005), o autor advoga que: há interferências linguísticas do estado baiano sobre o estado capixaba. Aurélio (2012):

Com relação à classificação de Nascentes (1953) sobre os dialetos brasileiros, apesar de ser confirmada em muitos estudos, demanda análises mais profundas em cada região, com dados representativos de todo território brasileiro [...] Para Rodrigues (2008), o detalhamento da fala capixaba demanda uma revisão dessa classificação, de modo que esse estudo buscou contribuir com essa proposta. Considerando-se a hipótese levantada a partir do estudo feito por Zágari (2005), em Minas Gerais, em que o autor identifica área do subfalar baiano, é possível dizer que no Espírito Santo ocorre processo semelhante. A presença de algumas lexias baianas em solo capixaba revela a ocorrência de áreas linguísticas ao norte do Espírito Santo. Por outro lado, a presença de algumas lexias do Espírito Santo no sul da Bahia também pode caracterizar influência. (AURÉLIO, 2012, p.118-119)

Neste sentido, ainda, fazendo alusão às pesquisas sobre os falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutoramento, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do *Falar Baiano*, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões país. Para tal, foram utilizadas as 13 questões do campo semântico *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical, conforme quadro 1. No que tange aos limites dialetais, especificamente o *Falar Baiano*, conclui Ribeiro (2012):

A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade na unidade*. (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Quadro 1 – Perguntas do campo semântico *jogos e diversões infantis* do QSL – ALiB.

QSL – jogos e diversões infantis

Nº	Pergunta
155	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (<i>Mímica</i>).
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho? (<i>Mostrar gravura</i>).
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	E um brinquedo parecido com o ____ (<i>cf. item 158</i>) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
161	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Como se chama esse ponto combinado?
164	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (<i>Mímica</i>) (<i>Mostrar gravura</i>).
166	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (<i>Mímica</i>) (<i>Mostrar gravura</i>).
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Portilho (2013), ao selecionar o mesmo campo semântico investigado por Ribeiro (2012), *jogos e diversões infantil*, por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o *Falar Amazônico*. Para tal, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle¹. No estudo, duas abordagens são prioritárias: a diatópica e a léxico-semântica. Para a área dialetal do *Falar Amazônico*, pertencente aos falares do Norte, a autora conclui:

Pelo exposto, pode-se afirmar que, apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil. [...] Estudos mais amplos envolvendo as demais áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) poderão ratificar ou retificar as conclusões obtidas a partir dos dados lexicais examinados. (p.138-139).

Romano (2015), com a tese intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*, investigou o *subfalar sulista* proposto por Nascentes (1953), elegeu cinco questões: QSL-001; QSL-039 – QSL-132; QSL-156 e QSL-177², do Questionário Semântico-Lexical do *Projeto ALiB*, pertencentes a campos semânticos distintos, objetivando comprovar a vitalidade da área. Para isso, foram utilizadas, na pesquisa, elocuições de 472 informantes, das 118 localidades do Brasil, entre capital e interior, situadas em nove estados. Vale dizer que, conforme critérios metodológicos previstos na pesquisa, para não enviesar a pesquisa, não foram utilizados os dados orais dos informantes com nível superior. Nas conclusões do estudo, Romano (2015) evidencia que:

Considerando que o PB, em meados da segunda década do século XXI, já se encontra documentado em áudio pela equipe do *Projeto ALiB*, pode-se afirmar que, sob o ponto de vista do léxico, a divisão de Nascentes (1953), para o subfalar sulista, não é mais válida [...].(ROMANO, 2015, p. 265).

A dissertação de Leandro Almeida dos Santos teve a mesma linha de abordagem que Ribeiro (2012) e Portilho (2013), o mesmo campo semântico, *jogos e diversões infantis*, com o objetivo de testar a área denominada como o *Falar*

¹ Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

² As questões utilizadas buscam referentes para: *Córrego, Tangerina, Menino, Bolinha de Gude e Geleia*, respectivamente.

Fluminense. Foram utilizadas, para a pesquisa, elocuições de informantes de 152 informantes, oriundos das 35 localidades, situadas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Bahia.

A área denominada como *Falar Fluminense* por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Mas, a fim de verificar as áreas limítrofes do entorno do *Falar Fluminense*, buscou-se estabelecer *uma Área de Controle que tem por objetivo testar se a posição e o dimensionamento do traçado refeito na atualidade estão corretos e se a área prevista pelo autor [...] ainda tem validade* (RIBEIRO, 2012, p. 138). Então, desse modo, estabeleceu-se esta área, seguindo o modelo da referida autora, ser o ponto ALiB mais próximo da linha do falar pesquisado. Sendo assim, para a área em análise, foram escolhidas nove localidades, distribuídas em cinco localidades de Minas Gerais; três localidades de São Paulo e uma localidade da Bahia. Logo, são 35 localidades selecionadas para o estudo, totalizando 152 informantes. Segundo Santos (2016)

[...] pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. (SANTOS, 2016, p. 189-190).

A área anteriormente descrita pode ser observada por meio da figura 3.

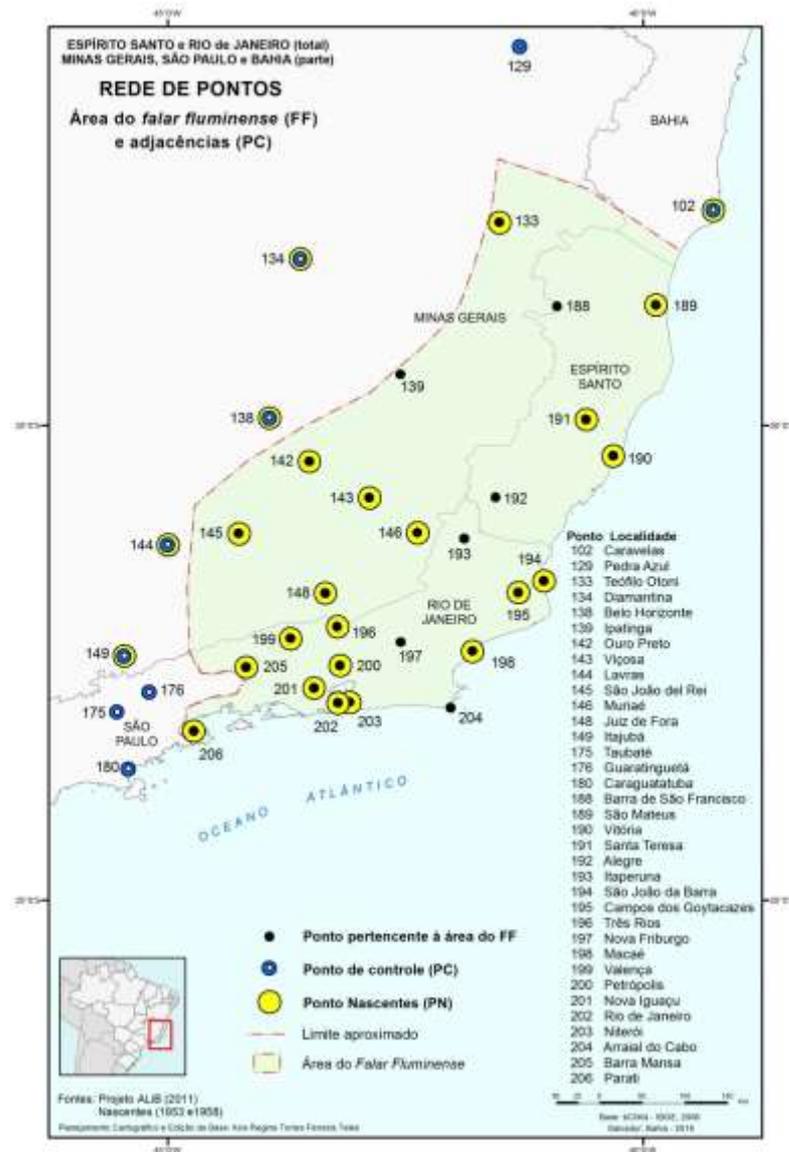


Figura 3 – Carta Rede de Pontos
 Fonte: SANTOS (2016, p. 68)

O Trabalho monográfico de Conclusão de Curso de D' Anunciação (2016) teve por objetivo estudar o estado de Minas Gerais, e não o *Falar Mineiro*, exclusivamente, uma vez que a área estudada engloba quatro subfalares de Nascentes (1953). A pesquisa abrangeu 23 localidades e 96 informantes, trazendo a análise das seguintes perguntas: 156 – bolinha de gude, 157 – estilingue, 158 – pipa (com varetas), 159 – pipa (sem varetas) e 167 – amarelinha. A autora constata que

Para uma confirmação ou não do traçado de Nascentes (1953) e/ou do de Zágari (1998) é necessário que sejam realizados mais estudos em todo território mineiro. Consideramos que seja importante também estudar outros itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical

(Projeto ALiB), com vistas a promover futura comparação entre áreas homogêneas ou heterogêneas. (D'ANUNCIACÃO, 2016, p.82-83)

Neste trabalho, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com o objetivo de fornecer subsídios para o (re) conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, utilizando os dados do Projeto ALiB, em especial, àqueles que examinaram a questão 167 do QSL, pertencente ao campo semântico *jogos e diversões infantis*, afim de comparar com os resultados na área em estudo, o *Falar Fluminense*.

2.1 BREVE SOCIOHISTÓRIA DAS LOCALIDADES

Apresenta-se um breve panorama histórico dos fatos considerados importantes para o entendimento sobre a formação cultural, identitária e linguística da região em estudo, uma vez que tal região desempenhou um papel de extrema relevância para o desenvolvimento do país.

Com isso, destaca-se que, para estudar a língua falada, faz-se necessário atentar-se para a história da própria língua, a história dos seus utentes, bem como observar os contextos históricos propiciadores, de certo modo, de influências para determinados jeitos e modos de falar, além de favorecer determinadas escolhas lexicais.

Buscou-se, por esse viés, apresentar pequenos retratos dos brasis dentro do Brasil, observando os aspectos históricos, políticos, econômicos de diversas ordens, ao buscar trazer à tona os fatos que podem esclarecer a formação e desenvolvimento dos povos habitantes na área em estudo.

É de senso-comum, no imaginário popular brasileiro, que os primeiros contatos entre o colonizador português e os povos aborígenes foram amistosos e felizes. No entanto, estudos históricos críticos vêm desmitificando essa ideia de formação nacional romântica e utópica, haja vista as violências – cultural, física e linguística – impostas pelos colonos nas novas terras. Como o choque entre as culturas, a miscigenação ergue-se como um pilar fundamental de uma das faces do Brasil, propiciada, inicialmente, pelos portugueses e os índios, com a inserção dos negros, oriundos da África, posteriormente.

Inicialmente, a ocupação e colonização do território conquistado se deram no litoral. Fatores políticos e econômicos, conforme atesta a história do Brasil, levaram ao D. João a segmentar as novas terras colonizadas em Capitânicas Hereditárias. Por isso:

Portugal, desejando ocupar e colonizar a nova terra e não tendo recursos para fazê-lo, à custa do erário real, outorgou para isso grandes concessões a nobres e fidalgos, alguns deles ricos proprietários, e outros já experimentados nas expedições às Índias. Concedeu-lhes outrossim, o Rei, vários de seus direitos políticos, indispensáveis ao fortalecimento da autoridade de quem ia correr tão graves riscos. [...] ‘Mas essas vantagens a serem auferidas pelos donatários pressupõem povoações, lavouras, comércio, trabalho organizado e capital acumulado, o que tinha de ser obra do tempo longo e do imediato dinheiro. (SIMONSEN, 1977, p. 81)

Devido a essa divisão, cada donatário tinha por tarefas basilares cuidar, proteger, ocupar e utilizar as terras da melhor forma possível, com um intuito de defendê-las dos ataques e interesses alheios. Tal estratégia da corte portuguesa é, hoje, muito representativa para entender o Brasil, sob o ponto de vista geográfico e linguístico. As terras foram assim divididas em lotes e 14 capitânicas, conforme figura 5 a seguir:



Figura 4 – Capitânicas Hereditárias

Fonte: Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/capitanias-hereditarias.html>>. Acesso em: 02 fev. 2016

Torna-se preponderante ressaltar que algumas capitânicas instaladas conseguiram se destacar, a saber: Pernambuco e Bahia, com o cultivo da cana-de-açúcar, com base na mão de obra escrava negra; Espírito Santo e São Paulo inicialmente, pobres, pois as terras não eram produtivas para o cultivo da cana-de-açúcar e a plantação do pau-brasil era insignificante.

Os bandeirantes trouxeram importantes legados para a formação nacional, uma vez que movimentos migratórios intensos se voltaram em busca das riquezas recém-descobertas. Dentre esses legados, vale ressaltar a criação de vilas e cidades, pois a mineração trouxe em seu bojo inúmeras transformações para a sociedade brasileira.

Ao se considerar essas transformações, destaca-se a transferência da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, devido à localização geográfica para escoar as riquezas das minas. É salutar mencionar a estrada construída, nesse período, visando transportar ouro e diamantes, a Estrada Real, conforme pode ser visualizado na figura 6 que segue, com quatro caminhos, a saber: Caminho Velho – foi o primeiro caminho traçado e trilhado pelos portugueses para ligar Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ), também é conhecido como Caminho do Ouro; Caminho Novo – caminho criado com o objetivo de dar mais segurança no transporte das riquezas descobertas e extraídas, no traslado entre os portos de Paraty (RJ) e Rio de Janeiro (RJ); Caminho dos Diamantes – ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Diamantina (MG); e o Caminho de Sabarabuçu – corresponde a ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Sabará (MG), rota que ganhou destaque comercial.

No entanto, devido à ganância e exploração desenfreadas da corte portuguesa, a fase da mineração brasileira foi declinando e os povos foram se dispersando por outras áreas.

A economia colonial no Brasil, então, pauta-se, depois de anos, no desenvolvimento da economia cafeeira, sobretudo entre o eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre os importantes marcos desse novo ciclo, destacam-se a construção de ferrovias para escoar a produção de café e o vulto dado à grande produção cafeeira em São Paulo. É lícito afirmar que a economia cafeeira colaborou para o processo de urbanização do país, além da incorporação do trabalho assalariado livre – com a chegada de imigrantes oriundos de várias partes da Europa – e da implantação de técnicas mais modernas de cultivo.

Devido a vários fatores internos e externos, esses fluxos migratórios são elucidativos para entender o caráter da fala brasileira, ora heterogênea, ora homogênea dentro de inúmeros brasis dentro de um país, tais como: crises econômicas, desempregos, pestes, seca e fome, são as principais razões de êxodos em busca de uma terra que ofereça melhores condições de sobrevivência.

Após esse panorama histórico, apresentam-se breves resumos da sócio-história das localidades, com o objetivo de noticiar fatos destacáveis de cada localidade escolhida para a presente pesquisa.

Observa-se que, embora as terras tenham sido visitadas com a chegada das navegações portuguesas no século XVI, somente no século XVIII Caravelas ganhou *status* de cidade. Em Minas Gerais, ao observar as datas de fundação, as cidades são, majoritariamente, do século XIX. Mas notam-se também cidades com datas de fundação do século XVIII e XX. No estado de São Paulo, as cidades mencionadas anteriormente são todas fundadas no mesmo século, XVII, ou seja, foram terras povoadas em momentos históricos próximos. As cidades capixabas são fundadas no século XIX, a exceção da capital, Vitória, fundada no século XVI, e da cidade de Barra de São Francisco, fundada no século XX. Portanto, foram cidades fundadas em momentos históricos distintos. No estado do Rio de Janeiro, como pode ser observado, há cidades fundadas em diferentes períodos da história do Brasil, mas há um predomínio das cidades fundadas no século XIX, embora tenham cidades com data de fundação nos séculos XVI, XVII e XVIII.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados, para este estudo, foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do ALiB. Em seguida, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a brincadeira em questão, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada área estudada e se tais itens são reveladores de diferenças dialetais.

“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.35) QSL, número 167, pergunta que busca apurar as denominações para uma brincadeira bastante conhecida por todo o país.

Constata-se um total de respostas para esse pergunta foi de 153 ocorrências, das quais 83,7% são respostas válidas, perfazendo o total de 128 ocorrências, ao passo que 16,3% são de NS/NL/NO, totalizando 25 ocorrências. Na tabela 15, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos das formas documentadas.

Tabela 1 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/167 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>amarelinha</i>	92	71,9%
<i>maré</i>	24	18,8%
<i>pula-pula</i>	3	2,3%
<i>maê</i>	3	2,3%
<i>baliza</i>	2	1,6%
<i>pé-pé</i>	2	1,6%
<i>outras formas</i>	2	1,6%
Total	128	100,0%

A forma lexical que mais ocorre é *amarelinha*, pois teve frequência de 71,9% do total de respostas válidas, obtendo em total absoluto 92 ocorrências. Nota-se que a brincadeira, na região em estudo, é conhecida e nomeada, majoritariamente, por essa forma, uma vez que outras formas foram documentadas, mas com menor vitalidade como, por exemplo: *maré*, que obteve 18,8%, *pula-pula* e *maê*, com 2,3%, ambas, *baliza*; *pé-pé* e *outras formas*, com 1,6%, conforme pode ser visto na figura 3:

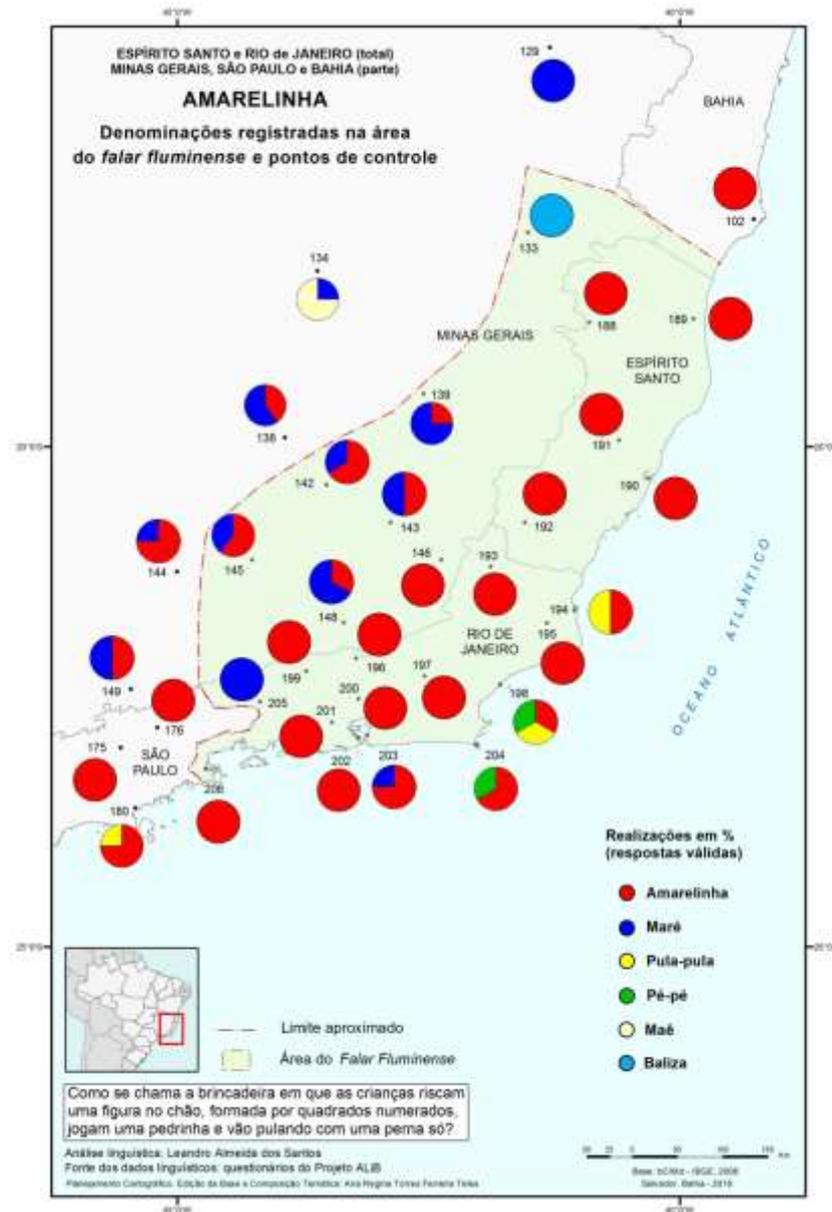


Figura 5 – Carta Amarelinha
Fonte: SANTOS (2016, p.179)

A partir das informações obtidas com o estudo de Santos (2016), passa-se a comparar tais resultados com os estudos feitos em outras áreas dialetais. Conforme as afirmações de Ribeiro (2012), há duas possíveis respostas bem produtivas, *macaco*, ao considerar a frequência em ocorrências, 39,9%; e *amarelinha*, com 64,9%, ao considerar a frequência em localidades, no que tange ao *Falar Baiano*. Foram encontradas 265 ocorrências, sendo 188 respostas válidas e 77 agrupadas em NS/NL/NO.

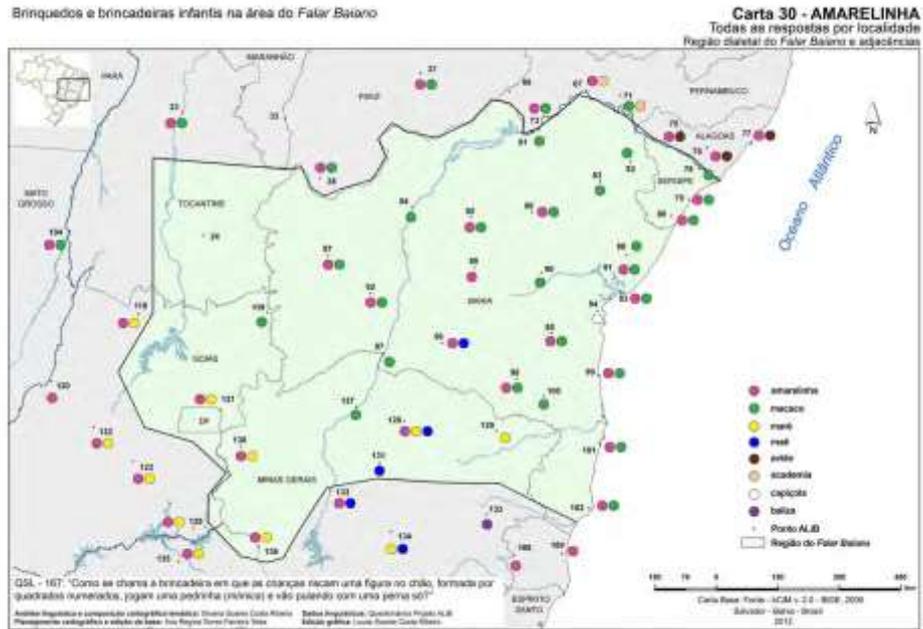


Figura 6 – Carta Chicotinho-queimado
Fonte: RIBEIRO (2012, p.532)

Para as análises de um dos falares do norte, o *Amazônico*, constata-se que a designação *macaca* predominou dentre as escolhas lexicais dos informantes no conjunto geral das localidades investigadas, com 53,1% de produtividade (PORTILHO, 2013, p. 130), conforme figura 5. No entanto, outras formas documentadas como, por exemplo: *macacão*, *macaco*, *macaquinha*, *amarelinha*, *cancan*, *tia chica*, *queimada*, *cemitério* e *jogo da velha*, que não foi computada. Cabe destacar que a forma *macaca* também foi documentada no *Falar Baiano*.

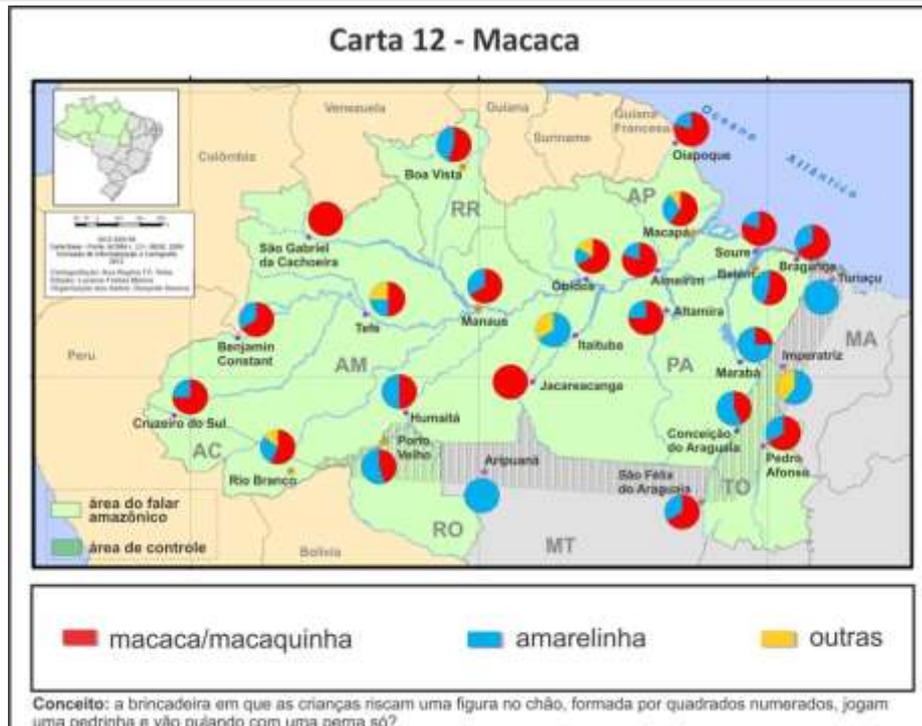


Figura 7: Carta Macaca
 Fonte: PORTILHO (2013, p.132)

No que tange aos resultados encontrados em Minas Gerais, para a pergunta em questão, D’Anunciação (2016) documentou um total de respostas de 98 ocorrências, dentre elas, 84,7% são respostas válidas (83 ocorrências) e um elevado índice de Não Sabe/Não Lembra/Não Obtida, sendo este 15,3% (15 ocorrências), correspondente para as não obtidas, sendo registrados 06 Não Sabe, 06 Não Lembra e apenas 03 de Não Obtida. Além disso, percebe-se que *amarelinha* predomina com 43,4%, seguido de *maré* (34,9%), *maê* (12%), *macaco* (3,6%), *baliza* (2,4%), *pula-pula* (2,4%) e *outras denominações: pular balé*, com apenas 1,2%, conforme figura 8:

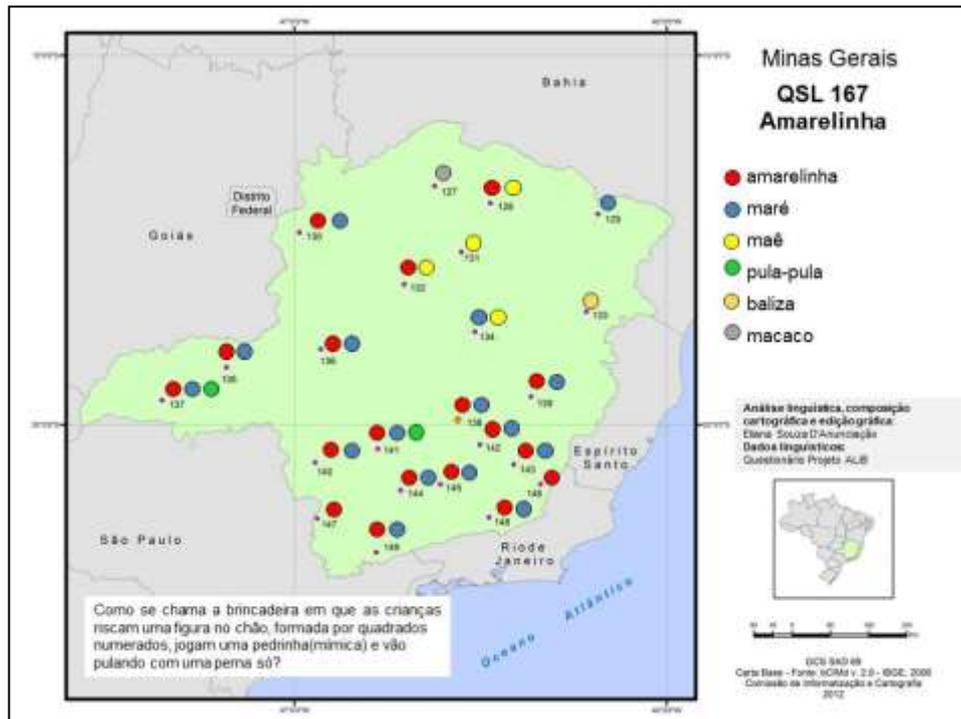


Figura 8: Carta Amarelinha
 Fonte: D'ANUNCIACÃO (2016, p.81)

Nota-se, com isso, uma tendência de aproximação e unidade na área nomeada por *Falares do Sul*, haja vista a coincidência entre os resultados obtidos por Ribeiro (2012), Santos (2016) e o estudo de D'Anunciação (2016), com a predominância de *amarelinha*, ao passo que se evidencia, novamente, o *Falar do Norte* citado anteriormente, como uma área peculiar e com particularidades que a difere dos mencionados *Falares do Sul*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou oferecer notícias atuais sobre a difícil tarefa de delimitação de áreas dialetais, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, sobretudo com vistas a testar, se o traçado feito por Nascentes (1953) se confirma na atualidade. Para o empreendimento, foi feito o levantamento dos dados a partir das respostas fornecidas para a pergunta 167 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, objetivando ter um panorama do *Falar Fluminense*.

É necessário ressaltar que, para o pesquisador dialetólogo, delimitar áreas linguísticas é um desafio instigante, uma vez que se faz necessário observar atentamente a formação identitária dos povos, a forma de ocupação dos territórios e a cultura local,

embora sejam localidades pertencentes à mesma nação, a fim de entender as configurações dos falares do espaço geográfico. Nesta perspectiva, os movimentos empreendidos pelos homens e suas itinerâncias são pontos fulcrais para o entendimento do funcionamento da língua, difusão das palavras e variação dos itens lexicais, como, por exemplo, os caminhos da Estrada Real e as Bandeiras, além dos intensos movimentos de migração para as terras do sudeste brasileiro. Logo, atesta-se, desse modo, a inseparável entre língua, cultura e sociedade.

Através das análises estabelecidas, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas acerca do *Falar Fluminense*:

a) A pergunta 167 do QSL do ALiB caracteriza-se como uma questão de alta produtividade, uma vez que há vários itens lexicais para nomear a brincadeira, em todo território nacional.

b) *Amarelinha* foi documentada nas três áreas pesquisadas e em Minas Gerais, mas com predominância nas áreas dos falares do Sul, a saber: *Falar Fluminense* e *Falar Baiano* e no estado de MG, ao passo que o *Falar Amazônico*, de fato, evidencia-se por apresentar as formas *macaca/macacquinha* como majoritárias.

c) A área do falar Fluminense carece de maiores estudos, a fim de poder ter um entendimento mais profícuo dos falares encontrados nessa área.

Compreende-se a importância de trabalhos desta natureza, uma vez que, ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, atualmente, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal brasileira, haja vista que, como se sabe, a língua muda e, talvez, as proposições de Nascentes (1953) não mais sejam atestadas na contemporaneidade.

É lícito afirmar que, para o entendimento, cada vez mais, das linhas demarcatórias das diferenças linguísticas do Brasil, sugere-se que outros campos semânticos sejam utilizados, sob a mesma área analisada e/ou áreas não exploradas, para que se tenha, hoje, um retrato que revele a face dialetal do *Falar Fluminense*.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Renato Pereira. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo**: implicações sob os aspectos dialetológicos. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

D'ANUNCIACÃO, Eliana. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GONÇALVES, Dinara Cássia Silveira; SILVA, Thaís Fernanda da. **As três zonas dialetais em Minas Gerais**: discussão dos critérios utilizados para esta divisão. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/zonas-dialetais-mg.html>>. Acesso em 17 ago. 2015.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS** - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: _____. (org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 47-67.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. In: **Revista ALFA**, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89- 128



SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do *Falar Fluminense***. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil (1500/1820)**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J. ; PASSINI, J.; GAIO, A. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais** - v. 1. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). **A Geolingüística no Brasil** - trilhas seguidas, caminhos a percorrer. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.

Artigos submetidos em 2017-04-12 e publicado em 2018-05-21